

CONCEPÇÃO EDUCATIVA NA PREVENÇÃO DE DROGAS NAS ESCOLAS: UMA ABORDAGEM PSICODRAMÁTICA*

*ROSA MARIA SILVESTRE SANTOS ***
*MARTA HELENA DE FREITAS SILVA ****

RESUMO

Este trabalho descreve uma investigação sobre a prevenção ao uso abusivo de drogas nas escolas do Plano Piloto em Brasília-DF, desenvolvida em duas etapas distintas e complementares. Na primeira etapa, quantitativa, realizou-se uma sondagem entre 28 orientadores educacionais - O.E. de escolas públicas e 18 de escolas particulares, com objetivos de averiguar a participação desses profissionais em cursos de prevenção a drogas e respectivos efeitos sobre suas práticas educativas. A segunda etapa, qualitativa, consistiu na aplicação e posterior avaliação de um treinamento em prevenção de drogas, inspirado na abordagem psicodramática, em uma escola particular,

* Este trabalho é uma síntese do Relatório de Trabalho de Campo apresentado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Católica de Brasília, como requisito final para conclusão do Curso de Especialização em Psicopedagogia.

** Orientadora Educacional, psicodramatista, professora de Psicodrama Pedagógico do Centro de Psicodrama de Brasília - CePB, Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Católica de Brasília.

*** Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela Universidade de Brasília e Professora da Universidade Católica de Brasília.

do qual participaram três O.E. e outros 146 profissionais. O objetivo desta segunda etapa foi o de averiguar as influências do treinamento sobre o grupo. Na primeira etapa, os resultados mostraram que boa parte dos O.E. nunca realizou algum curso de prevenção a drogas (12,6% e 39%, respectivamente, entre os das escolas públicas e os das escolas particulares); a maioria dos cursos realizados inspiravam-se apenas na informação (41,7% e 54,5%); a maioria dos O.E. avaliam positivamente a produtividade dos cursos realizados (90,4% e 72,7%), o mesmo não ocorrendo quanto à avaliação de sua aplicabilidade (46,4% e 45,5%). Na segunda etapa, registrou-se que o treinamento pautado sobre o referencial psicodramático pode dificultar ou facilitar o engajamento num trabalho preventivo nas escolas, na medida em que mobiliza, nos profissionais envolvidos, conteúdos afetivos e psicossociais muito intensos em relação ao fenômeno da droga. Entretanto, superadas as resistências iniciais, prepara os profissionais para um trabalho educativo e formativo, garantido por uma constante abertura no canal de comunicação com o jovem.

INTRODUÇÃO

O uso de drogas está presente em todos os povos desde a Antigüidade. Entretanto, a sua expansão se deu a partir do século XX e, segundo a Organização Mundial de Saúde, atualmente, um em cada quatro habitantes faz uso de drogas. Os medicamentos sem controle médico, o álcool e o fumo, são os mais consumidos pela população.

As drogas respondem a uma intensa crise social/econômica de uma sociedade pragmática, competitiva, consumista e individualista, que demonstra uma perda de confiança nas instituições Família e Escola, pela escassez de modelos de identificação, sentimentos de carência, angústia e insegurança. Nessa realidade, a droga se apresenta como um caminho atraente.

Desmistificar a droga não significa minimizá-la, mas tornar possível uma abordagem preventiva, baseada na verdade, no confronto com nossas dificuldades internas e na busca de uma verdadeira ecologia humana e saúde afetiva. Indiscutivelmente, todos os especialistas e estudiosos dos problemas relativos ao uso de drogas acreditam que o melhor combate é a prevenção. A própria UNESCO, desde 1972, destacou a necessidade universal de se fazer um investimento na educação para prevenir o abuso de drogas.

A forma poética e simbólica de Aratangy (1991) mostra claramente o papel da prevenção na família e na escola, quando ela relata a história da Bela Adormecida. Na realidade, se o rei, ao invés de proibir todas as rodas de fiar do reino, diante da maldição da bruxa, contasse para a princesa desde pequenina dos riscos que ela corria, poderia ter mudado essa história e ela não ser atingida pela maldição. O mesmo ocorreria com as drogas, se a família e escola falassem naturalmente de drogas, desde a tenra infância, estas crianças cresceriam convivendo com colegas que usam, sem morrerem de curiosidade e desejos. A autora pondera que a mesma atitude se toma diante do sexo, doenças e mais um “monte de encrencas”.

Aratangy (op.cit.) lembra também o fascínio exercido pelo Conde Drácula, representado pelo ator Christopher Lee, no filme *Vampiro da Noite*. Sabiamente, compara esta sedução à sedução da droga. O Conde Drácula, com toda sua beleza, fazia com que as pessoas se apaixonassem e não resistissem aos seus encantos, mesmo sabendo que estariam correndo sérios perigos. O mesmo pode ocorrer com jovens e adultos em relação ao uso da droga, porque esta faz com que entrem em contato com seu próprio mundo interno, imaginário e desconhecido e, com isso, estabelecem um vínculo muito forte com a mesma (sensação vivida pelas pessoas que “bebem socialmente”, “fumam” ou usam “medicamentos”).

Ainda com relação à prevenção, Tiba (1994) atribui à escola toda a sua responsabilidade, apontando para a necessidade dos professores se prepararem para a convivência diária e realizar a prevenção primária, transmitindo uma postura de vida, evitando

palestras gigantescas com grande público. Faz-se mister desmistificar o assunto, adotar atitude de compreensão do fenômeno e estar atento para detectar quando seu aluno inicia o uso, já que a família, no seu envolvimento emocional, freqüentemente vive a “cegueira psíquica”, se recusando a enxergar abertamente o problema. A escola teria, portanto, mais condições de detectar as alterações do comportamento do aluno, agindo com coerência e bom senso, sem assumir atitudes levianas e sem cometer injustiças, querendo responsabilizar a droga por tudo que aconteça.

O autor esclarece também que:

“Não compete à escola o tratamento contra drogas, mas sim o encaminhamento adequado do caso. Essas situações são muito complicadas, e quanto mais pessoas estiverem envolvidas, maior a confusão. Entretanto, mil vezes preferível a confusão à covarde omissão. Se a escola não tomar nenhuma atitude, todos perdem: a família, a escola, o aluno e a sociedade. Vence a droga, que assim ultrapassa a terceira barreira, aquela que poderia conter a destruição da pessoa pelo vício. A segunda foi a família, e a primeira, o usuário” (Tiba,1994).

Ainda segundo o referido autor, o ideal seria que a escola complementasse a filosofia de vida familiar e acrescentasse, em seu currículo, programas que também preparassem seus alunos para enfrentar não só a droga, mas a vida como um todo. Entretanto, uma grande parte dos professores desconhecem a realidade científica e psicológica das drogas, seus efeitos e suas conseqüências. Freqüentemente, não sabem sequer identificar um usuário de drogas e, se identificam, não sabem o que fazer com tal descoberta. Talvez por isso, entre outros motivos, as diretorias das escolas preferem negar as drogas em seus estabelecimentos. A realidade tem mostrado, porém, que já não é possível “*tapar o sol com a peneira*”. “*As drogas existem, e imaginar que apenas os ‘outros’ as usam só facilita sua propagação*” (Tiba, op. cit.).

A prevenção está ligada ao modelo de homem e de sociedade em que se insere, podendo seguir uma linha repressiva e de cunho alarmista, nos moldes da “pedagogia do terror”, ou, então, seguir uma linha mais compreensiva, de valorização do indivíduo e sua inserção no contexto social, situada num quadro mais amplo de educação para a saúde. A experiência e os resultados de pesquisas desenvolvidos por vários autores (Bergeret & Leblanc, 1991; Bucher, 1989; Carlini-Cotrim & Rosemberg, 1990; etc.) levam à conclusão de que prevenir não significa tratar o tema com sensacionalismo ou terrorismo. Aliás, nesses casos, os efeitos são geralmente inversos ao esperado: aguçamento do interesse, em que a curiosidade acaba servindo ao incentivo de condutas negativas.

Carlini, Carlini-Cotrim e Silva-Filho (1990) assim classificam os programas de prevenção a drogas:

- modelos de prevenção pautados sobre a “Educação Afetiva”, através do qual procura-se melhorar a auto-estima do jovem, desenvolvendo neste a capacidade de resistência às pressões do grupo e maior autonomia para lidar com a ansiedade, a timidez e outras dificuldades psicológicas;

- modelo do “Estilo de Vida saudável”, com programas de consciência ecológica que procuram se contrapor à poluição ambiental, sonora e alimentar e à excessiva procura de automedicação;

- modelo do “Oferecimento de Alternativas”, com programas culturais, recreativos e educacionais que oferecem alternativas sadias em substituição à sedução das drogas;

- modelo da “Pressão Positiva”, através do qual procura-se fortalecer o vínculo da família, da escola e/ou de outras instituições (frequentemente religiosas) com o jovem, mobilizando-as para exercerem sobre o mesmo influências contrárias ao uso abusivo das drogas.

Bergeret e Leblanc (op.cit.) assim caracterizam a prevenção a drogas, em seus três níveis: primário, secundário e terciário:

- *Prevenção Primária*: Acontece antes que surja o problema da droga, sendo, portanto, caminho fértil para a família e para a escola.

Supõe um diálogo aberto; a presença de modelos identificatórios positivos; atividades prazerosas (musicais, literárias, sociais, esportivas, artísticas, etc.); estímulos à auto-estima (elogios sinceros, crença na pessoa, etc.); estímulo à crítica; treino nas habilidades para lidar com frustrações, fracassos e ansiedades; espaço e treino para lidar com “figura de autoridade”;

- *Prevenção Secundária*: Ocorre quando já começa a surgir o consumo de drogas, sendo, portanto, uma etapa difícil para a família, que muitas vezes se recusa a enxergar o problema, e para a escola, que freqüentemente fica sozinha e se sente impotente. A saída é buscar auxílio de pessoas especializadas, oferecer ajuda concreta e evitar a emissão de juízos de valor, agindo com coerência e bom senso. A escola dever abrir-se ao diálogo com o jovem e com a família, procurar compreender o que está subjacente ao consumo de drogas, aproveitar os professores “líderes” para colaborar na “escuta” ao jovem e auxiliá-lo com argumentos lógicos e coerentes;

- *Prevenção Terciária*: Ocorre quando já se instalou a dependência de drogas, implicando no encaminhamento para uma terapia adequada; no incentivo ao diálogo com a família; no fortalecimento da confiança na recuperação; na colaboração com a reintegração social, com oferecimento de alternativas de lazer (arte, esporte, etc.) e profissão; e na denúncia de eventuais traficantes.

Encontramos, no Brasil, pouquíssimas publicações de trabalhos sobre prevenção a drogas desenvolvidos nas escolas. Cotrim-Carlini & Rozemberg (1990), da Escola Paulista de Medicina, realizaram uma pesquisa atingindo 79 estabelecimentos escolares, que haviam já servido de amostras em pesquisas anteriores, realizadas em 1987 e 1989, comprovando o consumo preocupante de drogas por parte de jovens estudantes. Os referidos autores enviaram questionários para as escolas por três vezes consecutivas e obtiveram respostas de apenas 63,3% delas. Os dados colhidos mostraram que 44,85% das escolas teriam desenvolvido alguma atividade abordando o tema “droga” nos dois últimos anos. Porém, estas atividades eram, em sua maioria, de caráter esporádico e geralmente promovidas por entidades médicas, religiosas,

policiais ou filantrópicas. Os professores pesquisados (Ciências, OSPB e Comunicação e Expressão) afirmaram abordar o tema em sala de aula, porém apenas 16% haviam recebido alguma formação específica para tanto. Os autores dessa pesquisa concluíram que, em geral, as escolas atuam com base no amadorismo e no improvisado e alertam para o perigo desta prática, que pode despertar e incentivar mais o interesse do que prevenir. Sugerem, portanto, que objetivos claramente delineados, planejamento adequado, rigoroso treinamento dos profissionais envolvidos sejam requisitos fundamentais para que um programa de prevenção não corra o risco de se transformar em seu contrário, ou seja, num instrumento de incentivo ao uso de drogas. Essa mesma pesquisa mostrou que existe, por parte dos diretores de escolas, uma exagerada crença no poder da informação e da repressão, desprezando-se os aspectos afetivos e sociais que permeiam esta questão

CONTRIBUIÇÕES DO PSICODRAMA

Psicodrama significa a “psiquê em ação” e, pela própria definição, fica claro que é quase impossível entendê-lo ou apreendê-lo por outra via que não seja a ação. Criado por Jacob Levi MORENO (1987), o Psicodrama extrapola a comunicação verbal, partindo do princípio de que esta nem sempre expressa a realidade dos fatos relatados. Durante uma vivência psicodramática, ocorre uma forte mobilização afetiva, que cria um clima de compromisso dificilmente conseguido por vias verbais. O diretor dirige a sessão, congela a cena, propõe técnicas diferentes e conduz à ação para o *insigth* dramático, que leva à obtenção final da “catarse de integração”. Esta nada mais é do que uma compreensão integradora dos fatos revelados na ação dramática.

A essência do pensamento moreniano é a do homem em relação, através da ação e da interação, fundamentadas no conceito de “encontro”. Sendo assim, o Psicodrama propõe a aprendizagem pela espontaneidade, que é a capacidade do homem de dar respostas novas

e adequadas a situações conhecidas e desconhecidas. O princípio da “espontaneidade” norteia o referencial psicodramático, complementado pela relação com o outro e pelo desenvolvimento da “tele”, que significa empatia em duas direções. A vivência psicodramática possibilita uma correlação do mundo interno (intrapsíquico) com o mundo externo (realidade), procura recuperar a espontaneidade, diminuir as tensões, contextualizar o conteúdo e falar de sentimentos.

No trabalho preventivo das escolas, o Psicodrama se apresenta como uma rica alternativa de abordagem, onde o aprendizado sobre drogas é realizado através de um processo ativo e vivencial, em que se compartilham experiências afetivas e sociais, invertem-se papéis e cada um é autor e ator de seu próprio drama. Desta forma, pode-se desmistificar o questão da droga e cada participante pode tornar-se agente terapêutico do outro, de acordo com a perspectiva moreniana.

Diversos psicodramatistas têm utilizado o psicodrama como abordagem de trabalho na área de prevenção e tratamento ao usuário de drogas, sendo que alguns dedicam-se exclusivamente ao emprego do Sociodrama, que utiliza todas as técnicas do Psicodrama, em que onde o protagonista é sempre o grupo, e não o indivíduo. Para exemplificar iniciativas desta natureza, escolhemos dois trabalhos que aplicaram o Psicodrama na prevenção da toxicomania: o de Boccoloni (1990), desenvolvido no Rio de Janeiro, caracterizando um trabalho de prevenção primária; e o de Ramos (1994), desenvolvido em Brasília, caracterizando um trabalho de prevenção terciária.

Defendendo o Sociodrama em relação a qualquer outra abordagem tradicional de prevenção, por se processar predominantemente numa linha horizontal, onde todos participam e se comprometem a buscar respostas, Boccoloni (op. cit) relata a experiência desenvolvida com 40 (quarenta) alunos de uma escola particular do Rio de Janeiro, com os quais obteve melhores resultados do que com as experiências anteriores no treinamento com famílias ou com equipes de direções de escolas, na medida em que o jovem se mostra mais aberto à espontaneidade. Entre as equipes de direções, aliás,

a autora afirma ter encontrado sempre maiores resistências. Na sua experiência com os jovens, o aprendizado sobre drogas se deu através de um processo ativo e vivencial, cujo ponto de partida foi sempre a subjetividade, em que o grupo pode ser protagonista do drama social, mostrando uma sociedade em miniatura; e também pode ser platéia, representando a opinião pública do mundo. O Sociodrama permitiu ao grupo, no “aqui e agora”, viver seus próprios dramas e buscar, no momento da imaginação e do simbólico, as respostas alternativas, os *insgits* para a própria vida. Desta forma, o próprio grupo pode tornar-se agente terapêutico de si mesmo. Entretanto, a autora questiona a prática do Sociodrama de forma esporádica e isolada, propondo que na escolas sejam desenvolvidos projetos efetivos, onde o Sociodrama passe a ser um processo de desmistificar a questão da droga, de dar ao grupo condições ideais de um se tornar agente terapêutico do outro, tal como é a perspectiva moreniana.

Ramos (1994) relata a utilização da abordagem terapêutica em grupos de drogatícios, do hoje extinto Centro de Orientação e Atendimento ao Usuário de Drogas - CORDATO, tendo trabalhado com ela, como “ego auxiliar”¹, outra psicóloga do mesmo Centro.

Segundo a autora, através do método psicodramático, o trabalho desenvolvido procurou fortalecer o EU dos pacientes, utilizando jogos dramáticos, trabalhos corporais e arte, com o objetivo de possibilitar a ampliação da parte sadia da personalidade do indivíduo. Através das dramatizações, os pacientes projetavam sentimentos e desejos e viabilizavam a descoberta de aspectos desconhecidos do EU. Como o Psicodrama favorece a integração grupal, os pacientes encontravam espaço para falar de si, de suas relações com a droga e com o mundo, de seus medos e de suas fantasias. Criavam dramatizações, inicialmente ligadas a finais trágicos com alternativas de

¹ Ego-auxiliar: Termo técnico em Psicodrama utilizado para designar uma espécie de co-terapeuta, que auxilia nas dramatizações, sendo porta-voz dos protagonistas, expressando sentimentos experimentados mas nem sempre verbalizados.

morte ou prisão, sucedendo depois outros temas, como sexo, drogas, conflitos pessoais, dentre outros.

A partir da análise dos registros efetuados durante as intervenções, Ramos (op. cit.) classificou as fases pelas quais o grupo passou. Inicialmente, aparece a necessidade de falar de sua experiência com a droga, avaliar condições de vida, vínculos familiares e profissionais e da relação consigo mesmo. Dessa reflexão sobre seus relacionamentos, começa a emergir uma modificação na maneira de perceber a realidade interna e externa. A partir daí, surgem a interação com o grupo, o desejo de abandonar a droga e as dificuldades advindas, despontam novos valores e há uma reorganização pessoal dentro da sua realidade: busca de um trabalho, realização através da arte, etc.

Finalmente, Ramos (op. cit.) esclarece que a justificativa para o Psicodrama, nesses casos, está no fato de os pacientes chegarem ao Centro numa fase caótica da personalidade, com um EU fraco e com poucos limites, assim como a percepção do outro auto-polarizada e as relações tempo e espaço, realidade intrapsíquica e mundo externo muito confusos. Sendo assim, o relacionamento intenso e contínuo da unidade funcional (diretor e ego-auxiliar) priorizava a interação, dando espaço à liberação das emoções e alternativas para uma vinculação afetiva. Desta forma, através de situações interpessoais télicas, cada paciente encontrava oportunidade de refazer as marcas afetivas mal realizadas na “matriz de identidade”. Alerta a autora que o êxito seria ainda maior se houvesse o engajamento da família no tratamento, já que ela é a matriz, de onde se co-produz as condutas e atitudes dos pacientes.

OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo realizar uma investigação sobre a prevenção ao uso abusivo de drogas nas escolas do Plano Piloto de Brasília-DF, desenvolvida em duas etapas distintas e complementares.

Na primeira etapa, de abordagem quantitativa, o objetivo específico foi o de averiguar a participação dos orientadores educacionais de escolas públicas e privadas em cursos de prevenção a drogas e respectivos efeitos sobre suas práticas educativas nas escolas.

A segunda etapa, de abordagem qualitativa, consistiu na aplicação e posterior avaliação de um treinamento em prevenção de drogas segundo a metodologia psicodramática, com um grupo de profissionais de uma escola particular, objetivando-se averiguar as influências do treinamento sobre o grupo e respectiva prática educativa. A hipótese previamente formulada foi a de que a metodologia psicodramática favorece o desenvolvimento de atitudes, intenção e comportamentos positivos para a implantação de um programa de prevenção de drogas nas escolas.

METODOLOGIA

1ª Etapa:

Participaram como sujeitos na 1ª etapa da investigação 28 (vinte e oito) orientadores educacionais - O.E. de escolas públicas e 18 (dezoito) de escolas particulares, que responderam a um questionário aberto, onde se solicitava informações sobre os seguintes itens: quantidade e carga horária dos cursos já realizados na área de prevenção a drogas, filosofia de prevenção, produtividade e aplicabilidade dos referidos cursos e sugestões para outros cursos.

Os resultados obtidos através das respostas aos questionários foram devidamente categorizados e tabulados a partir do cálculo de percentagens absolutas de respostas para cada categoria.

Complementando a investigação quantitativa, realizou-se, ainda nesta 1ª etapa, entrevistas estruturadas com duas O.E. (uma da escola pública e outra da escola privada), que alegaram no questionário estarem realizando um programa de prevenção em sua respectiva

escola. O objetivo destas entrevistas foi o de obter maiores informações sobre o programa desenvolvido e seus respectivos resultados no âmbito da escola. Sobre o conteúdo produzido nas entrevistas, devidamente registrados, procedeu-se uma análise qualitativa.

2ª Etapa:

A aplicação de um treinamento em prevenção de drogas segundo o referencial psicodramático deu-se numa escola particular, e dele participaram oitenta e oito professores, seis coordenadores pedagógicos, nove funcionários administrativos, dois profissionais de direção, três orientadores educacionais, dois psicólogos e trinta e nove funcionários de serviços gerais. Esse trabalho de treinamento teve a duração de quinze meses (fevereiro de 1994 a maio de 1995), totalizando sessenta e quatro horas de vivências psicodramáticas. Iniciou-se com um encontro com a direção da escola para elaboração de um planejamento geral, seguindo-se um encontro com o *staff* da escola, a realização de um mini-curso com professores e profissionais da escola, a formação de uma equipe para montagem do projeto de prevenção, reunião de pais, encontros de sensibilização nas coordenações de áreas com professores e profissionais dos serviços gerais, sociodrama para alunos das 8^{as} séries, encontros com orientadores para avaliações parciais, encontro com *staff* para avaliação e ajustes finais.

O trabalho de prevenção propriamente dito dentro da escola iniciou-se com um encontro de sensibilização com o *staff* da escola, e procurou-se delimitar os objetivos do trabalho e o alcance desejado pela escola, programando-se vivências com a equipe escolar e retirando-se delas as pessoas mais envolvidas, para integrarem uma equipe de montagem de um projeto de produção para a escola.

Durante os encontros de sensibilização, as técnicas psicodramáticas mais utilizadas para as vivências, teatro espontâneo e sociodrama foram:

- “Duplo”: realizado com o auxílio do ego-auxiliar, que se trata de um outro psicodramatista que trabalha em unidade funcional com o diretor. Na ausência do ego, o próprio diretor congela a cena e expressa, num determinado momento propício, aquilo que o protagonista não está conseguindo expressar. É imitada a postura do protagonista (que é o participante que está realizando a ação dramática) para estabelecer uma melhor sintonia e identificação.

- “Espelho”: é utilizado com o ego-auxiliar ou algum participante da platéia, que entra em cena e imita corporalmente o protagonista, faz seu espelho para que ele possa perceber-se melhor na ação dramática.

- “Inversão de Papéis”: consiste no protagonista tomar o papel do outro que contracena com ele e este tomar o seu. É ocasião ideal para se colocar na pele do outro, para melhorar a compreensão que se precisa ter nos inter- relacionamentos.

- “Solilóquio”: ocorre quando o diretor congela a cena e pede que o participante expresse verbalmente os seus sentimentos ocultos que não poderia demonstrar naquela situação, mas, liberados, podem esclarecer os motivos ocultos de certas condutas e posicionamentos.

- “Interpolação de Resistências”: é utilizado quando o diretor quer mostrar uma situação totalmente oposta da apresentada, com o objetivo de oferecer uma contraposição e favorecer uma flexibilidade de posturas.

- “Concretização”: é a representação de alguma realidade através de objetos inanimados, sucatas ou partes do corpo ou imagens corporais, movimentos e falas. É a forma de manifestar o conteúdo do que antes era simbolizado apenas com o uso da palavra.

Outras técnicas foram criadas no próprio contexto, dependendo da tele-sensibilidade do diretor que contextualiza o que está ocorrendo com o grupo, no “aqui e agora”.

No decorrer de todas as etapas do treinamento foram realizados registros detalhados das técnicas utilizadas, das imagens montadas pelos participantes, dos comentários e dos depoimentos por parte de profissionais envolvidos no processo, etc. Sobre esse material registrado procedeu-se uma análise qualitativa, com base no referencial psicodinâmico e na experiência clínica das pesquisadoras. Ao final do treinamento, fez-se uma avaliação junto ao *staff* da escola e, decorridos seis meses após a conclusão do trabalho, foram realizadas entrevistas abertas com duas O.E. diretamente envolvidas na montagem e execução do Projeto de Prevenção na escola. Também sobre os conteúdos decorrentes dessas entrevistas, realizou-se uma análise qualitativa minuciosa, procurando-se avaliar os efeitos do treinamento realizado sobre a prática educativa dos profissionais na escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da primeira etapa:

O Quadro 1 sintetiza os principais resultados obtidos na primeira etapa da investigação, confrontando os dois grupos - O.E. das escolas públicas e O.E. das escolas privadas - em relação aos cursos realizados na área de prevenção a drogas.

QUADRO 1. Tabelas de comparação entre os grupos de escolas públicas e privadas

QUANTIDADE DE CURSOS	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PRIVADA	
	f	%	f	%
um curso	20	71,4	10	51,5
dois ou mais cursos	4	14,3	1	5,5
nenhum curso	4	14,3	7	39,0
Total	28	100,0	18	100,0
CARGA HORÁRIA DOS CURSOS	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PRIVADA	
10 a 20 horas	3	8,3	5	45,5
30 a 40 horas	15	41,7	5	45,5
89 a 90 horas	8	22,2	-	-
180 horas	4	11,1	-	-
sem dados	6	16,7	1	10
Total	36	100	11	100
FILOSOFIA DOS CURSOS	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PRIVADA	
Informação	15	41,7	6	54,5
Formação	6	16,7	-	-
Informação/Formação	13	36,1	4	36,5
Informação/Repressão	2	5,5	1	9,0
Total	36	100,0	11	100,0
PRODUTIVIDADE DE CURSOS	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PRIVADA	
Embasamento teórico	14	50,0	3	27,3
Embasamento teórico e estratégia de ação	7	25,0	2	18,2
Contribuição na vida pessoal	1	3,5	1	10,0
Outros	3	10,7	2	18,2
Não justificou	3	10,7	-	-
Total	28	100,0	8	72,7
APLICAÇÃO NAS ESCOLAS	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PRIVADA	
Sim	13	46,4	5	45,5
Em parte	9	32,1	4	36,3
Não	6	21,4	2	18,2
Total	28	100,0	11	100,0

Registrou-se que os O.E. da escola pública participaram de mais cursos que os da escola particular, tanto em quantidade de cursos realizados, quanto em duração (carga horária) dos mesmos. Na escola pública, apenas 14,3% não realizaram nenhum curso; ao passo que dentre os de escolas particulares, essa percentagem foi de 39,0%. Por outro lado, 41,7% cursos realizados pelos O.E. de escolas públicas tiveram duração de 30 a 40 horas, 22,2% de 80 a 90 horas e 11,1% de 180 horas, enquanto que dentre os de escolas particulares, 45,5% realizaram cursos com a duração de 10 a 20 horas e outros 41,5%, cursos de 30 a 40 horas.

Com relação à filosofia dos cursos realizados pelos dois grupos, registrou-se que a maioria fundamentou-se na **informação** (41,7% e 54,5%, respectivamente entre os de escolas públicas e os de escolas privadas). A ênfase sobre ambos os aspectos - **informação** e **formação** do educador para a prevenção de drogas - caracterizou apenas 36,1% dos cursos realizados pelos O.E. de escolas públicas e 36,5% dos cursos realizados pelos de escolas particulares.

Quanto à avaliação da produtividade dos cursos realizados, todos os O.E. de escolas públicas avaliam positivamente os cursos realizados, o mesmo não ocorrendo com os das escolas particulares: apenas oito, dentre os onze que já haviam realizado algum curso, fizeram uma avaliação positiva dos cursos já realizados. Ao justificar a avaliação positiva dos cursos, a maioria dos profissionais enfatizam o embasamento teórico (50% dentre os de escolas públicas e 27,3% dentre os de escolas particulares), enquanto uma minoria se refere às contribuições para suas respectivas estratégias de ação no contexto educativo (25,0% dentre os de escola pública e 18,2% dentre os de escolas particulares).

Com relação à aplicabilidade dos cursos, em termos de ter realmente provocado o desencadeamento de um programa de prevenção dentro da escola, a percentagem dos que responderam sim é quase equivalente entre os dois grupos (46,4% dentre os de escola pública e 41,5% dentre os das escolas particulares), mas em ambos os casos não atingem sequer 50%.

Os motivos geralmente apontados pelos O.E. de escolas públicas para a não aplicação de um programa de prevenção em suas escolas foram: insegurança pessoal, falta de envolvimento de outros profissionais da escola, ausência de apoio e decisão política por parte da direção da escola, etc. Já dentre os orientadores educacionais de escolas particulares, além desses motivos, outro freqüentemente apontado foi a ausência de embasamento para aliar teoria e prática, sendo que alguns orientadores sequer justificaram suas respostas.

Quanto às sugestões oferecidas para Cursos e Treinamentos na área de prevenção ao uso abusivo de drogas, as principais foram: que se realizem treinamentos simultâneos a professores, alunos e famílias (3,5% dentre os O.E. de escolas públicas e 22,3% dentre os de escolas particulares); que se realizem treinamentos com todos os profissionais da escola, envolvendo inclusive a direção (14,3% dentre os de escolas públicas e 16,7% dentre os de escolas particulares); que se questione, durante os treinamentos, a motivação interna e os valores humanos dos profissionais envolvidos (10,7% dentre os de escolas públicas e 11,2% dentre os de escolas particulares); que se trabalhe bem a informação e se ofereça mais recursos didáticos - *slides*, fitas de vídeo, apostilas, etc. (10,7% dentre os de escolas públicas e 11% dentre os de escolas particulares).

A análise qualitativa de alguns itens do questionário, aliada ainda à análise do conteúdo das entrevistas realizadas quando da entrega do questionário nas escolas, permitiu identificar que, entre os O.E. das escolas públicas existe um maior embasamento teórico e maior direcionamento para a elaboração de um projeto de prevenção nas escolas. Já entre os orientadores de escolas particulares, constatou-se que, quando realizavam algum trabalho nas escolas, estavam-no fazendo com base no bom senso, alguns quase totalmente carentes de fundamentação teórica e de um eixo norteador para o trabalho desenvolvido, e outros envidando esforços para superar a dificuldade de forma autodidata.

Muitos profissionais das escolas públicas lamentaram a dificuldade de implantarem em suas escolas um projeto de prevenção, já que sentiam a ausência de uma vontade política da direção. Esta

dificuldade estaria começando a ser trabalhada pelo CONEN, convocando os próprios diretores para cursos de prevenção.

Percebemos nos dois grupos uma morosidade quanto ao planejamento e execução de atividades preventivas, como também uma interpretação de que apenas a informação seja o elemento essencial no trabalho preventivo.

Os resultados obtidos nesta primeira etapa sugerem a existência de uma política na Fundação Educacional do Distrito Federal que tenta priorizar o trabalho de prevenção, totalmente diferente da Escola Particular. Nesta última, encontramos alguns O.E. interessados em adquirir uma formação na área de drogas da escola, mas desiludidos ao reconhecerem que a direção não iria concordar em dar prioridade ao trabalho. Não existem incentivos sequer para que participem dos cursos gratuitos. Geralmente, os diretores não viabilizam suas idas ao curso por não poderem administrar suas ausências nos horários de trabalho, revelando, dessa forma, uma ausência de prioridade para tais assuntos.

Os profissionais da Escola Pública recebem incentivo que repercutem nos seus planos de carreira, e talvez esta vantagem possa justificar o maior número de orientadores das escolas públicas que participaram dos cursos, do que os das escolas particulares. Apesar deste fato, ambos revelam uma porcentagem próxima quanto à não aplicação prática do que viram nos cursos de formação: na escola pública, 32,1%; e na particular, 36,3%. É interessante ressaltar que as justificativas de ambos os grupos são semelhantes, tanto no que se referem aos motivos pessoais (falta de segurança, desconhecimento, despreparo) como aos motivos institucionais (ausência de apoio por parte da direção, indiferença institucional ao processo, etc).

O quadro dos que aproveitaram o curso e o colocaram em prática também é semelhante: 45,5% das escolas particulares e 46,4% das públicas, sendo que, em ambas, também prevalece a preocupação com a informação. Nas entrevistas realizados com os dois O.E., foi possível constatar que os mesmos julgam estar realizando uma ação

preventiva quando lidam diretamente com a informação sobre droga, pouco se referindo à qualidade de vida, à auto-estima e aos valores dos jovens. Tal fato pode ser explicado devido ao academicismo dos cursos que prevalecem e valorizam os aspectos intelectuais em detrimento dos afetivos e sociais.

Tanto nos questionários como nas entrevistas, podemos constatar que as escolas brasilienses estão realizando sua *práxis* baseados no senso comum, enfrentando as situações à medida que aparecem e deixando muito a desejar quanto ao planejamento e execução de um projeto de prevenção de drogas. Coincidência ou não, as escolas visitadas para as entrevistas, apesar de responderem nos questionários que estavam realizando uma ação educativa, estavam, conforme constatamos, ainda ao nível de projeto e planejamento. De modo geral, ficaram implícitas a falta de entendimento do que seja uma abordagem preventiva, como também a dificuldade subjetiva de lidar com o tema.

Da segunda etapa:

Durante a realização do treinamento à prevenção de drogas, registrou-se grande mobilização afetiva, adesões e rejeições ao projeto, evidenciando que a preocupação excessiva com o conteúdo didático, muitas vezes, reflete uma dificuldade do professor de vivenciar uma relação mais afetiva com seu aluno.

Nesse trabalho os orientadores mostraram-se sensibilizados e puderam rever sua prática, como revela esta orientadora:

“aprendi muita coisa, inclusive como trabalhar a parte mais prática, porque a teoria pode se obter nos livros. O mais complicado é passar a trabalhar com os jovens, pais e funcionários. Foi bom em todos os aspectos, eu aprendi muito, tive o maior embasamento para passar para os meninos, mais voltado para a vivência, menos apostila, menos texto, mais ação. A procura dos profis-

sionais para o SOE tem sido maior, no momento houve uma sensibilização, estão mais abertos, vendo que a droga está aí, é coisa do dia a dia e na casa da gente tem. Então eu acho que a maioria dos nossos profissionais nunca tiveram nenhum treinamento, nenhuma informação. Acho que foi excelente, está começando, agora que a gente está despertando para a coisa, né?”.

Quanto à repercussão do trabalho com os professores, foi constatado que nem todos se beneficiaram por motivos e limitações pessoais, mas, mesmo assim, no decorrer do trabalho, mostraram-se mais sensíveis às dificuldades afetivas de seus alunos. Alguns professores abraçaram a causa, procuraram efetivar uma abordagem interdisciplinar e rever suas atitudes e posicionamentos.

A busca de bibliografia, a leitura e a ampliação das informações não atingiu a maioria dos profissionais envolvidos no treinamento da escola particular, mas especificamente os mais sensíveis, os que mais se envolveram e participaram, notadamente alguns professores, alguns coordenadores e as duas orientadoras educacionais de 5^a à 8^a série.

Uma constatação que merece um destaque especial é a influência dos conteúdos internos dos profissionais, refletindo em suas ações, de maneira a facilitar ou dificultar o processo preventivo. Alguns professores esperavam soluções mágicas, como, por exemplo, a eliminação do uso de drogas pelos poucos alunos usuários. Atitudes como essas são exemplos de maximizações do tema e também foram reveladas nas imagens de sucatas, nas dramatizações ou nos comentários/depoimentos verbais sobre aspectos de suas vidas pessoais que justificavam suas posturas. Ocorreu o contrário com outros profissionais que, de uma forma ou de outra, consideravam de pouca utilidade nossa intervenção, porque atribuíam para a família o total compromisso com a prevenção, algumas vezes, chegaram a apontar certa permissividade quanto ao uso de droga dentro do seio familiar, revelando uma minimização do tema.

Quando uma escola assume corajosamente viabilizar um treinamento, uma montagem e execução de um Projeto de Prevenção de Drogas, ela percebe que terá que entrar em contato e avaliar a sua própria dinâmica de funcionamento, a sua filosofia e estrutura. Por isso, Bergeret & Leclanc (1991) afirmam que a prevenção incomoda muita gente e incomoda as instituições.

Trabalhar com prevenção de drogas envolve repensar as relações e repensar o fazer pedagógico dentro da escola. Toda vez que realizamos uma abordagem preventiva nas escolas, deparamos com a explicitação de entraves de estrutura e funcionamento, como o questionamento dos grupos sobre a dificuldade de comunicação entre os departamentos, a desinformação do que o outro realiza, como também os conflitos dos professores em relação ao trabalho realizado pela Orientação Educacional. Do lado dos orientadores, uma crítica sutil sobre a supremacia do intelectual em detrimento do afetivo e social; do lado dos professores, a crítica sobre o papel do orientador, que acaba “passando a mão na cabeça” do aluno. São conflitos nas relações inter e intrapessoais que, para serem melhor elaborados, demandaria um treinamento específico sobre os papéis profissionais e nos levaria a reflexões mais aprofundadas sobre as relações entre os indivíduos e a respectiva organização do trabalho (Dejours, 1988) no contexto escolar.

De modo geral, podemos apontar alguns resultados práticos:

- a abordagem psicodramática, na prevenção de drogas nas escolas foi um elemento importante para trabalhar a segurança pessoal e mostrou um novo enfoque para lidar com a informação, deixando explícita a supremacia do aspecto formativo para o processo;

- a principal diferença de outros cursos, além da abordagem psicodramática aplicada à área de prevenção, foi a preocupação em envolver todos os profissionais e funcionários da escola;

- o Serviço de Orientação Educacional - SOE desempenhou a função de carro-chefe da prevenção e foi muito solicitado por outros profissionais da escola;

- houveram mudanças positivas quanto à atuação prática e um novo entendimento do que seja uma abordagem preventiva, voltada para a vivência do aluno e para seu auto-conhecimento e auto-estima;

- o grupo sentiu ser necessário eleger um representante para coordenar todas as atividades preventivas;

- o próprio grupo reconheceu que nem todos os profissionais revelaram disponibilidade interna para o trabalho e reconheceram ser este um processo lento; no entanto, outros se envolveram muito, participaram de todas as etapas e se tornaram mais sensíveis ao que estava acontecendo na sua sala de aula e fora dela;

- a questão da interdisciplinaridade não foi atingida, por resistências da coordenação pedagógica ao tema, mas alguns poucos professores iniciaram um trabalho com o SOE por suas próprias iniciativas;

- registrou-se, por parte de vários profissionais, uma dificuldade de lidar com alguns pais que criticaram e se atemorizaram com a iniciativa da escola, recusando-se a enxergar que não existem escolas sem drogas.

Pode-se constatar a dificuldade da diretora da escola em lidar, durante e após a implantação de nosso trabalho, com a atitude de alguns pais, que chegaram a questionar se realmente a escola contava com alunos que faziam uso de droga, de certa forma, preocupados com a permanência de seu filho nessa escola. Como a maioria das escolas desconhecem o uso de drogas por parte de seus alunos, talvez devido a uma estrutura muito rígida e fechada, esta posição leva certos pais a acreditarem que existem “focos” de perigo e querem afastar seus filhos destas escolas “faladas”, como se os protegessem.

A escola tem percebido que os alunos que usam drogas precisam de ajuda e que as famílias estão muito despreparadas para lidarem com o assunto, estão percebendo que fazem parte do problema e da solução. Em relação ao trabalho com os alunos, percebemos seu pedido

de socorro. São, ao mesmo tempo, tão audaciosos e transgressores, quanto inseguros e indefesos. A sua fala é um pedido para que a família os assuma com seus desvios, incoerências, desejos e falta de limites.

CONCLUSÕES

A primeira etapa da investigação possibilitou-nos uma visão geral da realidade brasiliense no que diz respeito à preparação dos orientadores educacionais para a prevenção de drogas, e permitiu-nos as seguintes conclusões:

- a escola pública anda mais instrumentalizada e preocupada realmente com a prevenção de drogas, porém está faltando a operacionalização e a dinamização de seus cursos, que poderão se complementar com a Metodologia Psicodramática ou outra abordagem mais dinâmica, seguidas de uma supervisão dos trabalhos dentro das escolas;

- a escola particular, em sua maioria, ainda não acordou para a realidade das drogas nos meios estudantis; algumas, ingenuamente, acreditam em escolas sem drogas;

- os preconceitos e os medos perpassam por esta “cegueira institucional”;

- a direção e a equipe escolar freqüentemente desconhecem o alcance da prevenção, desqualificam o trabalho ou o reduzem à pura informação;

- existe um consenso geral de que a eficácia dos cursos dependerá do envolvimento com toda comunidade escolar e que não funciona muito os profissionais saírem de suas escolas e participarem isoladamente de cursos;

- a ênfase na informação é dada em ambos os grupos investigados, faltam-lhes uma visão de globalidade do processo educativo-preventivo e a convicção de que uma boa relação com o aluno é essencial para o trabalho preventivo.

Através dos depoimentos verbais dos orientadores, constatamos que uma grande maioria não conhece o verdadeiro sentido da prevenção. Apenas solicitar palestrantes, por exemplo, parece-nos uma postura reveladora da falta de entendimento do que seja o processo preventivo, na sua filosofia realmente educativa e formativa. Revela-nos resquícios de modelos antigos de prevenção, que não surtiram efeitos positivos.

Acreditamos ser essencial que o próprio professor, que convive com o aluno no seu cotidiano, possa se preparar afetiva, social e cognitivamente para realizar ações preventivas com seus alunos. Assim procedendo, até poderá chamar, dentro de sua programação, um especialista para complementar o seu trabalho de formação humana.

Na segunda etapa, concluiu-se que o Psicodrama apresenta-se como uma alternativa de abordagem de prevenção de drogas nas escolas. Através desta metodologia, trabalhamos os aspectos afetivos e sociais do fenômeno droga. Tais conteúdos, por serem intensamente mobilizados, podem dificultar ou favorecer o desenvolvimento de um projeto de prevenção dentro da escola. Entretanto, na medida em que os profissionais conseguem superar as resistências iniciais, são capazes de reverem suas posturas e práticas anteriores em relação ao assunto e de encará-lo com maior naturalidade e segurança pessoal, as quais, por sua vez, os levam a assumir um compromisso com um trabalho preventivo nas escolas, pautado não apenas sobre o aspecto informativo e/ou normativo, mas muito mais **formativo e educativo**, garantido por uma constante abertura no canal de comunicação com o jovem. O fato de os profissionais de educação atendidos nesse projeto substituírem a sua *práxis* anterior por vivências e situações mais práticas, e o fato de aprenderem a lidar com o assunto droga com

mais naturalidade, sentindo mais segurança pessoal e trabalhando prevenção usando não somente a informação, mostra que o trabalho atendeu a seu objetivo inicial e que a hipótese anteriormente realizada se confirmou, isto é, *“a metodologia psicodramática favorece o desenvolvimento de atitudes, intenção e comportamentos positivos para a implantação de um programa de prevenção de drogas nas escolas.”*

Realizando este trabalho, percebemos claramente que não se pode mais conceber um processo educativo que se abstenha de lidar com o tema “droga” e/ou que se abstenha de preparar seus profissionais para trabalharem com a prevenção ao uso abusivo das drogas.

Avaliar, neste momento, a repercussão desse programa de prevenção na escola particular, junto aos alunos, parece-nos prematuro. Precisaremos de alguns anos mais para pesquisarmos se aqueles alunos estão resistindo à esta sedução das drogas. Porém, quanto aos alunos usuários, acreditamos que o espaço da escola aberto a eles e suas famílias muito tem contribuído para operacionalizar uma ajuda concreta e efetiva.

A sociedade brasileira passa por um estágio que muitos países desenvolvidos já passaram, que é o da cegueira e do impacto; somente depois desta fase é que entrará na ação propriamente dita, procurando viabilizar uma política mais eficiente de prevenção de drogas. As escolas que estão procurando instrumentalizarem-se estão passando para um estágio ulterior, estão agindo e não simplesmente fechando os olhos para não enxergarem o problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARATANGY, Lidia R. *Doces Venenos Conversas e Desconversas sobre Drogas*. 4. ed. São Paulo : Olho d'Água, 1991.
- BERGERET, J.; LEBLANSC, J. *Toxicomanias: uma visão multidisciplinar*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.
- BOCCOLONI, R. S. Sociodrama da Droga. In: 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICODRAMA. *Anais...* FEBRAP, 1990.
- BUCHER, R. *Prevenção ao uso indevido de drogas: Programa de Educação Continuada*. Vol. 1 e 2. Brasília : EdUnB, 1989.
- CARLINI, E. A.; CARLINI-COTRIM, B. H. R. S. & SILVA-FILHO, A. R. *Sugestões para programas de prevenção ao abuso de drogas no Brasil*. São Paulo : EPM/CEBRID, 1990.
- COTRIM-CARLINI, B. & ROSEMBERG, F. Drogas: Prevenção no cotidiano escolar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 74, p. 40-46, ago. 1990.
- DEJOURS, C. *A loucura do trabalho*. 3. ed. São Paulo : Cortez/Oboré, 1988.
- MARTIN, G. E. e J. L. MORENO. *Psicologia do encontro*. São Paulo : Livraria Duas Cidades, 1984.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo : Cultrix, 1987.
- RAMOS, M. E. C. Grupos de drogadependentes e terapia psicodramática: Um estudo de caso. 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICODRAMA. *Anais...* Águas de São Pedro, 1994.
- TIBA, I. *Respostas sobre drogas*. São Paulo : Editora Scipione, 1994.